

Insular ou influente? A estrutura social do campo psicanalítico brasileiro entre academia, mídia e a clínica

Insular or influential? The social structure of the Brazilian psychoanalytic field at the intersection of academia, media, and clinical practice

*Amanda Albuquerque¹ 

*Rodrigo Cantu² 

Resumo

Este artigo analisa a estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo com base na Análise de Correspondências Múltiplas, abrangendo o período de 2013 a 2023. Os resultados identificam duas dimensões principais: a primeira distingue indivíduos pela posse de recursos acadêmicos e midiáticos; a segunda, pelas trajetórias e filiações psicanalíticas, separando instituições ortodoxas de heterodoxas. Quatro perfis de psicanalistas foram identificados: ortodoxos, heterodoxos estabelecidos, heterodoxos não estabelecidos e heterodoxos estabelecidos com recursos acadêmicos e midiáticos intermediários. Essas oposições são discutidas à luz da história e das disputas pela prática legítima da psicanálise, exemplificadas por conflitos recentes no Brasil.

Palavras-chave: psicanálise; campo; análise de correspondências múltiplas; Brasil.

Abstract

This article analyzes the structure of the contemporary Brazilian psychoanalytic field using Multiple Correspondence Analysis, covering the period from 2013 to 2023. The results identify two main dimensions: the first distinguishes individuals by their possession of academic and media resources; the second, by psychoanalytic trajectories and affiliations, separating orthodox from heterodox institutions. Four profiles of psychoanalysts were identified: orthodox, established heterodox, non-established heterodox, and established heterodox with intermediate academic and media resources. These oppositions are discussed considering the history and disputes over the legitimate practice of psychoanalysis, exemplified by recent conflicts in Brazil.

Keywords: psychoanalysis; field; multiple correspondence analysis; Brazil.

¹ Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFPel, Pelotas, RS, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1369-0143>.

² Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFPel, Pelotas, RS, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6099-1200>.

Introdução³

O conhecimento psicanalítico é crescentemente visto como uma importante perspectiva para tratar de assuntos ligados à cultura, à política, à saúde e à sociedade em geral no Brasil. Além de ocupar posições em meios de comunicação mais tradicionais, como os jornais que têm grande circulação no país, os psicanalistas também possuem proeminentes perfis e canais próprios, em importantes plataformas digitais. Dessa forma, a partir do conhecimento e da experiência adquirida no meio psicanalítico, estes agentes estão em posição de analisar e dizer sobre a coisa pública. Temáticas como saúde mental, eleições, antirracismo, transfobia, sexualidade e poder são abordadas, por exemplo, pela psicanalista Vera Iaconelli (s.d) em sua coluna semanal na *Folha de S. Paulo*. Outro exemplo é o psicanalista Christian Dunker, que, além de ser convidado a opinar em diversas matérias de jornais, ainda conta com um canal no YouTube, no qual trata sobre variados assuntos, desde questões mais conceituais da psicanálise até análises políticas e da cultura pop, como séries e filmes (Dunker, s.d.).

A despeito dessa presença e relevância social, a psicanálise no Brasil foi pouco abordada pela sociologia. A grande maioria dos trabalhos procede de outras áreas, principalmente da psicologia, medicina e história, enfocando majoritariamente o passado e o percurso da psicanálise no país (Alarcão; Mota, 2019; Castro, 2017; Figueira, 1991). Na sociologia, o artigo de Lima e Andrade (2019) serve de ilustração das tentativas de aproximar a sociologia da psicanálise, ao discutir a teoria psicanalítica à luz do conceito bourdieusiano de *habitus*. Essas articulações conceituais, ou o tensionamento crítico, constituem talvez o olhar mais comum das ciências sociais em direção à psicanálise. O consagrado sociólogo Norbert Elias é um importante exemplo da tentativa de articulação entre a sociologia e as teorias freudianas, como exposto em uma de suas principais obras, *“O processo civilizador”* (Elias, 1994). Mais recentemente, Peters (2022), por exemplo, faz críticas, a partir de Michel Foucault, à forma como a psicanálise encarou e interpretou a loucura ao longo de sua história. Apesar desses esforços voltados ao entendimento da história da psicanálise e ao diálogo com suas teorias, suas estruturas sociais, particularmente no caso brasileiro, ainda não foram adequadamente examinadas.

No Brasil, enquanto atividade profissional e intelectual, a psicanálise não é regulamentada, pelo menos não enquanto uma profissão, pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), ela está inscrita como uma ocupação livre, sob o código 2515-50 (Brasil, 2002). A psicanálise pode ser exercida livremente, não havendo nenhum diploma ou reconhecimento legal de quem pode ser ou não um psicanalista. Consequentemente, a diversidade de práticas que utilizam o rótulo de psicanálise é muito ampla – desde a psicanálise clássica freudiana até a recente psicanálise cristã⁴, por exemplo. A ausência de uma definição garantida pelo Estado,

³ Este artigo apresenta parte de uma pesquisa desenvolvida na dissertação *O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo: um estudo sociológico*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPel. Eximindo-os de qualquer erro remanescente neste trabalho, agradecemos os comentários e sugestões da banca de defesa da dissertação, Simone Gomes e Gabriel Peters, e aos dois pareceristas anônimos da revista *Mediações*.

⁴ Estamos cientes de que muitos psicanalistas diriam que isto “não é psicanálise”, mas é certo que grupos religiosos disputam pela existência da Psicanálise cristã. A disputa pela legitimidade e pelo poder nas

que instaure sanções aos que violam regras, faz da psicanálise uma atividade cujos contornos são definidos por uma “livre competição” simbólica e institucional entre pessoas e grupos que a reivindicam.

Do ponto de vista sociológico, essa condição permite um tipo de investigação que enfoca justamente as bases sociais das convergências e dissonâncias nas definições da psicanálise no Brasil. Ao não se alinhar com qualquer concepção evocada pelos atores e grupos que se consideram psicanalistas, este artigo não busca rejeitar a pertinência e a relevância das teorias e práticas psicanalíticas, mas sim discutir que tipo de trajetórias e recursos diferenciam os membros da comunidade psicanalítica e como essa diferenciação produz clivagens e disputas sobre sua definição e seus limites.

Considerando que essa “livre competição” pela definição da psicanálise, como em qualquer mercado realmente existente, ocorre entre agentes com dotações de recursos muito desiguais, o conceito bourdieusiano de campo parece uma das ferramentas mais adequadas para enquadrar essa realidade (Bourdieu, 1971, 1989, 1992, 2013; Bourdieu; Wacquant, 1992, p. 94-115; Lemieux, 2011, p. 80-83). Como o restante deste trabalho deve sustentar, trata-se de uma realidade que corresponde aproximadamente a muitas das características de um campo: uma esfera social relativamente autônoma; dotada de um contencioso simbólico específico (a prática da psicanálise legítima); uma diversidade perpassada por uma lógica agonística, a qual organiza uma divisão entre dominantes e dominados, e disputas entre frações dominantes; uma *doxa* que, a despeito das divergências, une a maior parte da comunidade de psicanalistas em seus investimentos intelectuais e profissionais.

O presente artigo busca, então, examinar a estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo. Investigar essa estrutura significa reconstruir analiticamente um espaço social, configurado por posições de agentes e instituições definidas relacionalmente, em função da distribuição desigual de recursos. Em outras palavras, procura-se encontrar distintos perfis de psicanalistas, que se opõem de acordo com suas diferentes propriedades sociais. Ao reconstruir a estrutura desse campo, buscar-se-á avaliar como as oposições encontradas ajudam a explicar as tensões internas ao meio psicanalítico e as disputas pela definição da psicanálise legítima.

O recorte temporal da pesquisa abarca o período de 2013 a 2023. A psicanálise passou por importantes transformações no Brasil nos últimos anos, em consonância com a conjuntura política e sanitária. O país passou por uma crise política, social e econômica que culminou em uma nova onda conservadora e na eleição de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. O recorte estabelecido abrange o processo de crise, o governo Bolsonaro e as eleições de 2022, possibilitando a apreensão do posicionamento dos psicanalistas frente a questões políticas. Ele também abarca a pandemia de COVID-19 e o isolamento social decorrente, que impactou a forma como a psicanálise vinha ocorrendo até o momento, devido às restrições de deslocamento e contato face a face. Desse modo, apesar de discussões acerca das modalidades de atendimento e tratamento já estarem em debate no campo anteriormente, a pandemia exigiu novas e rápidas respostas e adaptações dos psicanalistas, como o uso maior das redes sociais e os atendimentos remotos (Fontoura *et al.*, 2022).

diferentes esferas da vida social é, justamente, uma das características do que constitui um campo na concepção de Pierre Bourdieu. No caso da Psicanálise, também encontramos essas disputas.

Para examinar empiricamente a estrutura do campo, foi elaborado um conjunto de dados com 110 indivíduos, escolhidos por representarem distintas formas do exercício da psicanálise. É marcante a busca de parte do meio psicanalítico pela discrição e pela privacidade. Dadas essas particularidades do objeto de pesquisa, foram utilizadas diversas fontes para a construção desse conjunto de dados: trabalhos acadêmicos, participações em palestras, em cursos e em eventos psicanalíticos, redes sociais, etc. Dessa forma, como a estrutura de um campo é determinada por sua trajetória, foi necessária uma reconstrução da história da psicanálise no Brasil por meio da bibliografia disponível. O material encontrado permitiu traçar algumas características históricas do campo e identificar agentes pertinentes para a pesquisa. Junto a isso, a participação direta em atividades do campo psicanalítico serviu como outra importante fonte para contribuir nesta tarefa. Com uma lista com um número satisfatório de indivíduos de perfis variados, foram então coletados dados prosopográficos para cada um deles. Os dados foram analisados a partir da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), método que facilita a exploração das relações entre variáveis e permite a representação espacial das associações entre suas categorias.

Além da introdução e das considerações finais, o trabalho está dividido em quatro partes: na primeira, apresenta-se um resumo da trajetória da psicanálise no Brasil; na segunda, é detalhado o caminho metodológico percorrido, apresentando a construção da amostra, dos dados e o método de análise utilizado; na terceira, apresentamos os resultados obtidos e construímos o campo psicanalítico brasileiro contemporâneo; e na quarta, fazemos uma discussão a partir dos dados da seção anterior e trazemos dois episódios ocorridos dentro do campo para demonstrar as possibilidades explicativas do modelo construído.

A formação do campo psicanalítico brasileiro

A institucionalização da psicanálise no Brasil e sua autonomização relativa ocorreram após algumas décadas desde a chegada das ideias psicanalíticas ao país, importadas por pioneiros da psiquiatria⁵. Em um primeiro momento temos uma espécie de “pré-história” da psicanálise, como é denominada por Russo (1998). Nesse momento, segundo a autora, alguns psiquiatras adeptos das ideias freudianas fizeram uma curiosa combinação: teorias freudianas e preceitos higiênicos e eugenistas. A psicanálise não chegava aqui como uma terapêutica ou como uma área específica de estudo, mas se ligava a um projeto educativo-civilizatório para o desenvolvimento da nação brasileira (Russo, 1998). Nas décadas iniciais do século XX, a medicina havia conquistado autoridade no debate sobre a modernização e a “civilização” da nação. Os médicos psiquiatras empregaram, então, as ideias psicanalíticas como uma forma de educação cívica e moral, justamente para disciplinar o povo visto como inculto e indisciplinado (Torquato, 2015).

Ao mesmo tempo, a psicanálise começou a se difundir no país, circulando em outro contexto intelectual: nas artes e na literatura. Facchinetti (2003) afirma que houve uma disputa entre duas leituras antagônicas e inconciliáveis da psicanálise: de um lado, o discurso psiquiátrico-higienista; do outro lado, o discurso da vanguarda modernista. Segundo a autora, os modernistas se posicionavam contrariamente à modernização

⁵ Os principais nomes da psiquiatria ligados à difusão da psicanálise são Juliano Moreira e Franco da Rocha (Russo, 1998).

acrítica e importada da Europa, aproximando suas críticas e ambições de algumas ideias freudianas, como a crítica à razão e às exigências civilizatórias do Ocidente. Mesmo que antagônicos, esses dois canais de entrada da psicanálise no Brasil se desenvolveram como uma forma de forjar o brasileiro moderno.

Na encruzilhada do debate social e cultural, a recepção doméstica da psicanálise foi imersa em disputas sobre seu significado e suas implicações. Esse fato parece ter marcado sua trajetória e desenvolvimento posterior, onde podemos encontrar tanto aspectos clínicos e terapêuticos quanto sociais e políticos nas instituições e práticas psicanalíticas atuais. Essas oposições apresentam, entretanto, um caráter marcadamente heterônomo: na ausência de um corpo de especialistas próprios à psicanálise, ela constitui um conjunto de ideias esparsas reivindicado nas disputas entre intelectuais da medicina e das artes.

A institucionalização da psicanálise no Brasil progride decisivamente em meados do século XX, nos moldes da International Psychoanalytical Association (IPA, 2025)⁶, considerada a associação oficial naquele momento (Oliveira, 2002). É nesse contexto que se consolidam algumas perspectivas e práticas que compõem a *doxa* psicanalítica, endossada por posições e escolas que, de outro modo, estão em franco desacordo: o estudo da teoria (calcada na premissa da existência do inconsciente), a sujeição do psicanalista à análise por um analista didata⁷, e a supervisão, que consiste na discussão de casos clínicos com um analista mais experiente. Sociedades e grupos de formação associados à IPA são criados e analistas didatas vêm da Europa para auxiliar na formação de analistas brasileiros. Neste momento, o centro de formação e práticas psicanalíticas está em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Além das instituições de formação, também ocorre a criação de esferas de debate e de legitimação internas ao meio psicanalítico. Assim, criam-se premiações, revistas, congressos e eventos relacionados à IPA, como é o caso da criação da *Revista Brasileira de Psicanálise*. A revista lançou seu primeiro número no ano de 1967, momento em que também ocorreu a I Jornada Brasileira de Psicanálise (Galvão, 2016).

Durante esse período de institucionalização, encontramos a preponderância de sociedades e grupos filiados à IPA. Embora existissem outras organizações psicanalíticas, estas eram consideradas como não oficiais e ilegítimas pelas Sociedades da IPA. Assim, os psicanalistas filiados à IPA adquiriram forte legitimidade e construíram práticas clínicas rentáveis voltadas para clientes com alto poder aquisitivo (Oliveira, 2017).

O pano de fundo para esse enraizamento clínico da psicanálise pode ser encontrado nas transformações ocorridas ao longo da ditadura civil-militar (1964-1985). Embora responsável por fases de grande crescimento econômico, a ditadura exacerbou as desigualdades com um modelo político e econômico excludente. Se as mudanças desse período consolidaram uma estrutura econômica e social marcada pela crescente exclusão, elas também produziram um Brasil de estrutura social mais diversificada e urbanizada, na qual elites e quadros médios urbanos vicejaram como alguns dos grupos beneficiários do regime autoritário. São esses mesmos estratos sociais urbanos,

⁶ Em que apenas médicos poderiam realizar a formação psicanalítica, a análise pessoal deveria ser feita com frequência semanal de, pelo menos, quatro vezes com um analista didata, junto com a realização de supervisão clínica e de seminários teóricos e clínicos. Este modelo ficou conhecido dentro da IPA como o modelo Eitingon (International Psychoanalytical Association, 2025).

⁷ Um analista didata é um psicanalista com mais tempo de formação e com reconhecimento dentro de uma instituição de psicanálise. Ele é autorizado a exercer funções de ensino, supervisão e análise, ligadas à formação de novos psicanalistas.

elitizados e intelectualizados que se tornaram a clientela dos psicanalistas clínicos (Oliveira, 2017). Durante a fase de institucionalização da psicanálise nos moldes ipeístas⁸, as transformações estruturais do país promoveram o crescimento do público consumidor das produções simbólicas da psicanálise e, com isso, uma guinada de sua vocação pública e social para uma prática elitizada e da esfera privada. Outra característica desse período que merece destaque é a hegemonia de uma psicanálise “apolítica”. Nesse sentido, Oliveira (2017) defende a tese de que, durante o período da ditadura civil-militar, os psicanalistas enfatizavam a neutralidade da psicanálise e a primazia do psíquico sobre a realidade externa.

Este compromisso com a “neutralidade” política e com a atuação na esfera privada foi um dos fatores responsáveis pelas mudanças que abalaram a configuração do campo nas décadas seguintes.

Além disso, Santos (2019) enfatiza o elevado custo de formação nas Sociedades e sua consequente elitização, fazendo com que outras alternativas surgissem em meio às formações ipeístas. Nesse sentido, outros atores passaram a ganhar força durante a década de 1970, momento em que a psicanálise passa por uma expansão regional e institucional. Em suma, a partir da década de 1970, com um corpo de especialistas formado e com instituições próprias ao campo psicanalítico, ocorre o fortalecimento de grupos de outras vertentes psicanalíticas, não ipeístas, e a emergência de outras psicoterapias ligadas à psicologia (Oliveira, 2002). Somada a isso, temos a chegada de psicanalistas argentinos – fugindo dos governos autoritários no país vizinho –, muitos lacanianos, que vieram compartilhar o espaço com os lacanianos brasileiros.

Para Santos (2019), a chegada e o fortalecimento da teoria laciana no Brasil foram responsáveis pela desmedicalização da psicanálise, possibilitando a emergência de novas formas de compreendê-la. Assim, ocorreu uma visível abertura do campo a um número maior de pessoas, tanto pela maior acessibilidade em termos econômicos quanto pelo maior diálogo dos psicanalistas com a mídia e as universidades, algo atípico até o momento (Santos, 2019). Inclusive, o abalo sofrido pelas Sociedades e o fortalecimento de outros grupos não ipeístas forçaram uma transformação das próprias Sociedades ipeístas. Antes hegemônicas, elas precisaram passar por um processo de abertura, que resultou na aceitação de psicólogos (e não apenas médicos) e em um maior diálogo com outros campos.

A década de 1970 marcou uma intensificação das disputas internas ao campo e uma transformação importante na lógica e estrutura então dominantes. Podemos pensar no deslocamento de uma psicanálise conservadora baseada nos moldes ipeístas para uma psicanálise mais diversa, progressista e aberta ao diálogo com outros campos do conhecimento. De acordo com Vale (2003), a partir dos anos 2000 passaram a coexistir diversas tendências institucionais no campo psicanalítico: as antigas Sociedades ipeístas, os grupos lacanianos, os institutos independentes focados em psicoterapias de orientação psicanalítica e, inclusive, a livre formação, feita individualmente sem associação a nenhuma instituição. Cada uma das opções com diferentes propostas, preços e organizações.

Passadas mais de duas décadas do início dos anos 2000, podemos atestar a existência e sobrevivência das opções elencadas por Vale (2003) e acrescentar mais algumas. Aqui, aproximamo-nos do objetivo desse artigo e abrimos o caminho para a

⁸ Referente à International Psychoanalytical Association (IPA).

análise e construção do campo psicanalítico contemporâneo. Nesse sentido, partindo da pluralização do campo desde a década de 1970 e das transformações políticas e sanitárias externas ao campo, acrescentamos algumas outras possibilidades.

Primeiramente, temos o crescimento, fora dos grupos hegemônicos da psicanálise, de instituições religiosas que articulam versões “espiritualizadas” da psicanálise. Desde os anos 1990 tais instituições ofertam formações psicanalíticas e em 2000 encaminharam ao congresso um projeto de lei que visava regulamentar a psicanálise no Brasil (Lopes, 2019). O projeto não teve êxito, e a psicanálise continua sem regulamentação. Ainda assim, enfatizamos a presença de tais grupos religiosos no campo e as disputas que eles travam por poder e legitimidade. Para Binkowski (2019), essa aproximação de grupos religiosos à psicanálise ocorre na chave do que prega o neopentecostalismo. O neopentecostalismo parte da premissa de disciplinamento da sociedade através dos preceitos evangélicos e de um engajamento em questões políticas e morais do mundo, fazendo com que a psicanálise seja vista como uma importante arma teológica, moral e espiritual (Binkowski, 2019).

Em segundo lugar, temos as experiências de psicanálise na rua ou na praça, um movimento de caráter interventivo e político que surgiu em 2016, no qual psicanalistas de diferentes correntes procuram levar o atendimento psicanalítico de forma gratuita para locais públicos, visando uma maior democratização do acesso à psicanálise. Em 2016 foi criada a primeira iniciativa com esse caráter, a Clínica Pública de Psicanálise de São Paulo, a partir da qual os idealizadores do projeto, impulsionados pelo contexto político do país, buscaram explorar o papel da psicanálise como um instrumento de emancipação e também de ocupação do espaço público, oferecendo atendimento gratuito em ambientes outros daqueles inicialmente pensados para o tratamento e escuta psicanalítica (Queiroz, 2020). Ao longo dos anos esse movimento ganhou mais adeptos e diferentes grupos surgiram pelo Brasil, como em Brasília e em Porto Alegre, por exemplo. Apesar da diversidade de modelos, enquanto uns possuem locais próprios para o atendimento e outros utilizam espaços públicos, como praças, o objetivo em comum permanece: tornar a psicanálise mais interventiva e acessível.

Ao traçar brevemente a trajetória da psicanálise brasileira até aqui, chamamos a atenção as disputas travadas entre os agentes em torno de questões como a formação dos psicanalistas e a forma mais legítima de psicanálise, assim como em torno do lugar que a psicanálise deve ocupar no espaço social e político: aberta ou fechada, primando pelo psíquico ou pela realidade externa, interventora ou neutra, política ou apolítica. O campo psicanalítico brasileiro se constitui, dessa forma, marcado por constantes disputas pela delimitação do próprio campo.

Metodologia

Para examinar empiricamente a estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo, foi elaborado um conjunto de dados, tendo como unidades de análise indivíduos que reivindicam a identidade de psicanalista. Com base na literatura psicanalítica, na participação em eventos psicanalíticos, nas redes sociais e em informações públicas sobre a psicanálise e os psicanalistas brasileiros, foi elaborada uma amostra de 110 indivíduos, para os quais coletamos dados prosopográficos.

O caráter intencional ou não probabilístico da amostra está calcado no objetivo maior da pesquisa de explorar diferentes perfis de agentes e as características que definem relacionalmente suas oposições, ao invés de oferecer um retrato das

características demográficas dos psicanalistas. Estes critérios de seleção justificam nossa escolha de incluir indivíduos autodenominados como psicanalistas cristãos ou integrativos, veementemente criticados e renegados pelos grupos dominantes da psicanálise, mas que, ainda assim, reivindicam um espaço no campo psicanalítico brasileiro e disputam por seus recursos. Para poder explorar os fatores de divisão do campo, foram selecionamos indivíduos ligados a associações e escolas que encontramos na revisão da literatura sobre a história da psicanálise no Brasil; indivíduos que se destacaram no mapeamento realizado sobre os debates contemporâneos na psicanálise; indivíduos de diversas regiões do país; além disso, preocupamo-nos em realizar uma composição equilibrada entre psicanalistas célebres e desconhecidos.

Longe de defendermos a psicanálise cristã ou integrativa e seu reconhecimento no campo, atemo-nos às características fundamentais de um campo bourdieusiano, constituído pela disputa de posições, recursos e prestígios. Desse modo, não podemos ignorar a existência de agentes que disputam pela delimitação do próprio campo e de seus capitais. Acreditamos que identificar e elaborar a estrutura do campo psicanalítico brasileiro em sua heterogeneidade passa justamente por este caminho.

A partir da amostra selecionada e do recorte temporal de 2013 a 2023, construímos um banco de dados com 35 variáveis, alimentado a partir de diversas fontes públicas – como matérias em sites, perfis institucionais, redes sociais, currículos acadêmicos e perfis no LinkedIn – no qual reunimos informações prosopográficas dos indivíduos, agrupadas em cinco grupos, de acordo com a tabela 1.

As variáveis do grupo *Formação e filiação psicanalítica* – que indicam os tipos de Sociedade às quais o indivíduo é filiado e onde fez formação – foram elaboradas a fim de testar a hipótese de que a oposição entre sociedades ipeístas e outras seria central à estruturação do campo. Para examinar a possível relação dessa oposição com o envolvimento em instâncias acadêmicas, foram construídas uma série de variáveis sobre *Trajetória e títulos acadêmicos*. As variáveis de *Tomadas de posição* servem como indicadores para a análise da conjecturada relação entre as Sociedades ipeístas e a discrição política, enquanto outras Sociedades e associações seriam mais permeáveis à politização. A questão do reconhecimento e da notoriedade é abordada a partir de um grupo de variáveis específico, levando em consideração indicadores sobre publicações, premiações e visibilidade em redes sociais. Finalmente, foram construídas ainda variáveis agrupadas como *Propriedades sociais*, com características morfológicas dos indivíduos, tais como sexo, cor/raça⁹, geração e local de residência. A variável geracional serve como meio para avaliar se os psicanalistas mais jovens estão mais presentes em Sociedades não ipeístas. Para a criação dessa variável utilizamos o ano de formação universitária dos indivíduos, como uma variável proxy, visto a impossibilidade de acesso ao ano de nascimento de cada um dos psicanalistas. Além disso, as modalidades geracionais foram criadas após a coleta e análise descritiva dos dados. As demais variáveis dessa rubrica constituem “variáveis de controle”, considerando que questões como sexo do psicanalista e local de residência também podem ser relevantes para a definição de oposições, embora não sejam centrais ao debate sobre a história da psicanálise no Brasil.

⁹ A variável foi codificada por heteroidentificação racial pela pesquisadora responsável pela coleta de dados.

Tabela 1 - Variáveis ativas, suas categorias, coordenadas e contribuições*

Variáveis Ativas					Eixo 1		Eixo 2	
Grupo	Variável	Modalidade	Frequência	%	Coordenada	Contribuição	Coordenada	Contribuição
Propriedades sociais	Sexo	Masculino	36	32,7	-0,58	1,73	0,18	0,23
		Feminino	74	67	0,28	0,84	-0,09	0,11
	Geração	>1980	24	21,82	-0,2	0,14	-0,52	1,27
		1980	22	20	-0,06	0,01	-0,28	0,34
		1990	15	13,64	-0,03	0	-0,6	1,04
		2000	26	23,64	0,01	0	0,08	0,03
		<2010	15	13,64	0,08	0,02	0,55	0,89
	Cidade/Região	Capital, SP (Cap, SP)	24	21,82	-0,89	2,71	0,45	0,94
		Interior, SP (Int, SP)	14	12,73	0,69	0,93	0,33	0,29
		Capital, RJ (Cap, RJ)	10	9,09	-0,6	0,51	-0,52	0,53
		Restante, Sudeste (Rest, Sud)	11	10	0,28	0,13	0,76	1,24
		Capital, RS (Cap, RS)	8	7,27	0,13	0,02	-0,38	0,22
		Restante, Sul (Rest, Sul)	15	13,64	0,24	0,12	-0,19	0,1
		Norte (Nort)	5	4,55	-0,07	0	0,77	0,58
		Nordeste (Nordest)	13	11,82	0,43	0,35	-0,68	1,18
		Centro-Oeste (Cen-Oes)	10	9,09	0,48	0,33	-0,77	1,15
	Raça/Cor	Branco (Bran_)	94	85,45	-0,04	0,03	-0,1	0,19
		Não-Branco (N_Bran)	10	9,09	0,34	0,16	1,34	3,52
Trajetória e títulos acadêmicos	Graduação	Psicologia (Psico)	61	55,45	-0,04	0,02	-0,41	1,97
		Medicina (Med)	13	11,82	-0,36	0,24	-0,24	0,14
		Ciências Humanas (C_H)	6	5,45	0,03	0	0,7	0,58
		Ciências Sociais Aplicadas e Outras (S_Apli_out)	25	22,73	0,17	0,1	0,43	0,91
	Instituição da Graduação	USP	9	8,18	-1	1,29	0,52	0,47
		Universidade Federal Pública e Estrangeiras (Uni_F_P_estrang)	29	26,36	-0,04	0,01	-0,48	1,32

Trajetória e formação psicanalítica		Universidade Estadual Pública (Uni_E_P)	11	10	0,21	0,07	-0,12	0,03
		PUC	20	18,18	-0,1	0,03	-0,71	1,96
		Particulares (Parti_)	30	27,27	0,07	0,02	0,45	1,19
	Docente	Sim	41	37,27	-0,81	3,83	-0,23	0,43
		Não	69	62,73	0,48	2,27	0,14	0,25
	Titulação	Técnico (Tec_)	1	0,91	0,75	0,08	1,75	0,6
		Graduação (Grad_)	20	18,18	0,97	2,65	0,12	0,06
		Especialização (Esp_)	23	20,91	0,38	0,48	0,27	0,33
		Mestrado (Mestr_)	28	25,45	0,29	0,33	-0,54	1,62
		Doutorado (Doc_)	22	20	-1,18	4,37	-0,07	0,02
		Pós-doutorado (Pos_doc)	9	8,18	-0,71	0,65	-0,51	0,46
		Livre-docência (Liv_docen_)	3	2,73	-2,21	2,07	-0,07	0
		Nenhuma	4	3,64	0,51	0,15	2,78	6,03
	Lattes	Atual	57	51,82	-0,47	1,8	-0,06	0,04
		Desatualizado (Des_atual)	28	25,45	0,31	0,39	-0,51	1,44
		Sem Lattes (S_Lattes)	25	22,73	0,73	1,87	0,71	2,43
	Formação IPA	Sim	34	30,91	0,84	3,37	-0,89	5,28
		Não	76	69,09	-0,37	1,51	0,4	2,36
	Formação Lacaniana	Sim	27	24,5	-0,77	2,27	-0,18	0,17
		Não	83	75,5	0,25	0,74	0,06	0,06
	Formação Cristã/Integrativa	Sim	5	4,5	0,83	0,48	2,46	5,89
		Não	105	95,5	-0,04	0,02	-0,12	0,28
	Formação Universidade	Sim	29	26,4	-0,42	0,73	-0,1	0,06
		Não	80	72,7	0,16	0,29	0,03	0,02
	Formação Internacional	Sim	16	14,5	-0,92	1,94	-0,18	0,1
		Não	94	85,5	0,16	0,33	0,03	0,02
	Formação Outras	Sim	28	25,5	-8,43	0	0,29	0,46
		Não	82	74,5	2,88	0	-0,1	0,16
	Associação IPA	Sim	34	30,9	0,92	4,06	-0,84	4,73
		Não	76	69,1	-0,41	1,82	0,38	2,11
	Associação Lacaniana	Sim	24	21,8	-0,78	2,06	-0,18	0,16
		Não	86	78,2	0,22	0,57	0,05	0,04
	Associação Cristã/Integrativa	Sim	4	3,6	0,51	0,15	2,36	4,34
		Não	106	96,4	-0,02	0,01	-0,09	0,16
	Associação Universidade	Sim	6	5,5	-0,76	0,49	-0,29	0,1
		Não	104	94,5	0,04	0,03	0,02	0,01
	Associação Internacional	Sim	43	39,1	0,49	1,47	-0,74	4,56
		Não	67	60,9	-0,32	0,94	0,47	2,92
	Associação Outras	Sim	22	20	-0,22	0,15	0,86	3,14
		Não	88	80	0,05	0,04	-0,21	0,79

	Associação Coletivos	Sim	6	5,5	-0,51	0,22	-0,07	0,01
		Não	104	94,5	0,03	0,01	0	0
Tomadas de posição política	Pautas Progressistas	Sim	46	41,8	-0,51	1,66	-0,36	1,15
		Não	64	58,2	0,36	1,2	0,26	0,83
	Pautas Conservadoras	Sim	9	8,2	0,74	0,7	0,41	0,3
		Não	101	91,8	-0,07	0,06	-0,04	0,03
	Favorável a Lula	Sim	22	20	-1,15	4,1	-0,3	0,38
		Não	88	80	0,29	1,03	0,07	0,1
	Favorável a Bolsonaro	Sim	7	6,4	0,91	0,83	1,97	5,28
		Não	103	93,6	-0,06	0,06	-0,13	0,36
	Contrário a Lula	Sim	4	3,6	0,63	0,23	1,16	1,05
		Não	106	96,4	-0,02	0,01	-0,04	0,04
	Contrário a Bolsonaro	Sim	21	19,1	-0,75	1,69	-0,26	0,28
		Não	89	80,9	0,18	0,4	0,06	0,07
	Posicionamento Político	Sim	72	65,5	-0,23	0,52	0,02	0,01
		Não	38	34,5	0,43	0,98	-0,05	0,02
Reconhecimento social ou notoriedade**	Livros Publicados	1 a 6	31	28,2	-0,13	0,07	-0,05	0,01
		7 a 11	7	6,4	-1,22	1,47	0,34	0,16
		12 a 23	4	3,6	-1	0,57	-0,72	0,4
		24 a 53	8	7,3	-1,87	3,95	-0,23	0,08
		Nenhum (Nenh_)	60	54,5	0,52	2,33	0,06	0,05
	Prêmios	1 a 3	19	17,3	-0,95	2,43	-0,3	0,33
		4 a 5	8	7,3	-1,07	1,3	0,15	0,04
		Nenhum	83	75,5	0,32	1,21	0,05	0,05
	Seguidores Instagram	Baixo	50	45,5	0,32	0,73	0,24	0,54
		Médio	7	6,4	-0,37	0,14	0,75	0,76
		Alto	9	8,2	-1,3	2,16	0,47	0,39
		M_Alto	7	6,4	-1,75	3,04	-0,13	0,02
		Privado	17	15,5	0,36	0,31	-0,35	0,4
		Não_tem	20	18,2	0,22	0,14	-0,72	2,02
	Seguidores Facebook	Baixo	37	33,6	0,25	0,34	-0,13	0,13
		Médio	7	6,4	-0,97	0,92	1,19	1,93
		Alto	7	6,4	-0,89	0,79	-0,36	0,18
		Perfil privado	18	16,4	0,61	0,95	0,43	0,65
		Não_tem	41	37,3	-0,18	0,19	-0,21	0,36
	Seguidores YouTube	Baixo	10	9,1	0,24	0,08	1,5	4,41
		Médio	6	5,5	-1,47	1,85	0,52	0,31
		Alto	3	2,7	-2,33	2,31	-0,3	0,05
		Não_tem	91	82,7	0,15	0,28	-0,19	0,64
	Seguidores Twitter	Baixo	8	7,3	-0,59	0,39	0,55	0,47
		Médio	8	7,3	-0,18	0,04	0,94	1,39
		Alto	6	5,5	-2,06	3,59	-0,07	0,01
		Não_tem	88	80	0,21	0,55	-0,13	0,29

Fonte: Autorias (2024).

* Em negrito: 15% das categorias que mais contribuíram para a formação dos eixos.

** As modalidades das redes sociais foram codificadas levando em conta a amplitude do número de seguidores dos indivíduos da amostra nas diferentes redes e a frequência relativa de cada modalidade, para que não houvesse categorias de frequência muito baixa.

Para examinar o conjunto de dados foi utilizada a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), que permite explorar de maneira gráfica a relação entre um grande número de variáveis (Bertoncello, 2022; Hjelldrekk, 2018; Le Roux; Rouanet; Ackerman, 2010). Essa abordagem quantitativa tem como objetivo identificar eixos ao longo dos quais as unidades de análise se diferenciam e se assemelham relacionalmente, oferecendo uma imagem da estrutura de um campo. Tendo uma ligação privilegiada com a noção de campo e espaço social de Bourdieu (Rouanet *et al.*, 2005), a ACM situa os agentes “em um espaço objetivo e relacionalmente estruturado, no qual a distância entre uns e outros decorre de diferenças em suas propriedades sociais, inclusive dotações desiguais de capitais” (Klüger, 2018, p. 69). Diferentemente dos métodos de regressão dominantes nas ciências sociais anglo-saxônicas, a partir de 1960, a ACM não busca os efeitos líquidos de variáveis independentes em variáveis dependentes, mas busca os efeitos de estrutura gerados por todas as variáveis, isto é, os efeitos globais de uma estrutura complexa de inter-relações (Belem, 2022). A ACM objetiva, portanto, tornar realidades multidimensionais complexas em representações mais acessíveis, nas quais os indivíduos e as categorias são representados em eixos que maximizam a variância dos dados (Pedroso Neto, 2015). A interpretação dos resultados da ACM requer a análise das contribuições de categorias para a formação dos eixos, pela observação e exame das oposições encontradas no espaço social resultante e, quando pertinente, na análise da posição das variáveis e categorias suplementares (Klüger, 2018).

O campo psicanalítico brasileiro contemporâneo

Nesta seção, discorreremos sobre os resultados da ACM com os dados sobre os psicanalistas, a fim de discutir as hipóteses da pesquisa. Para rodar a ACM, foi utilizado o pacote GDAtools, do *software R*. A análise se concentrará nos dois primeiros eixos gerados pela ACM, que, somados, explicam 60,99% da variância dos dados (taxa modificada), dos quais 41,85% correspondem ao primeiro eixo e 19,14% ao segundo eixo. Além dessa seleção, também fizemos o recorte de 15% das variáveis que tiveram maior contribuição para a formação dos eixos, resultando em 32 categorias. As tabelas 2 e 3 trazem as categorias que possuem as maiores contribuições e a posição de suas coordenadas (se positivas ou negativas) para, respectivamente, os eixos 1 e 2:

A partir dos dados dispostos na tabela 2, conseguimos aferir que as categorias mais relevantes para a formação do primeiro eixo estão relacionadas majoritariamente às propriedades de prestígio acadêmico e midiático. Enquanto do lado positivo do eixo três das cinco variáveis estão associadas a propriedades acadêmicas e midiáticas (Titulação, Livros publicados e Docente), e as outras duas se relacionam à trajetória psicanalítica, do lado negativo do eixo sete das onze variáveis estão associadas às propriedades de prestígio acadêmico e midiático (Titulação, Livros publicados, Docente, Twitter, Instagram duas vezes e YouTube). A oposição encontrada neste primeiro eixo e a análise das variáveis e modalidades reforçam que a interpretação mais adequada para o eixo é aquela

que o descreve como uma dimensão em que se opõem aqueles com maior e menor capital acadêmico e midiático. Isto é, os indivíduos com maiores titulações e atuação docente nas universidades possuem reconhecimento midiático em contraposição àqueles indivíduos com menores titulações, sem atividades docentes e com menor reconhecimento midiático.

Tabela 2 — Categoriais com maiores contribuições para o Eixo 1

Lado positivo		Lado negativo	
Variável e modalidade	Contribuição	Variável e modalidade	Contribuição
Associação à IPA: Sim	4,06	Titulação: Doutorado	4,36
Formação IPA: Sim	3,36	Favorável a Lula: Sim	4,1
Titulação: Graduação	2,65	Livro: 24-53	3,95
Livro: Nenhum	2,32	Docente: Sim	3,82
Docente: Não	2,27	Twitter: Alto	3,59
-	-	Instagram Muito: Alto	3,03
-	-	Localidade/Região: Capital, SP	2,71
-	-	Prêmio: 1-3	2,43
-	-	YouTube: Alto	2,3
-	-	Formação Lacaniana: Sim	2,27
-	-	Instagram: Alto	2,16

Fonte: Autorias (2024).

Ao analisar os resultados para o eixo 2 (tabela 3), a interpretação mais congruente parece ser aquela que descreve a dimensão enquanto marcada pela oposição entre o polo mais ortodoxo da psicanálise e o polo mais heterodoxo¹⁰. Isto é, do lado positivo do eixo encontramos seis das onze variáveis relacionadas à formação e trajetória psicanalítica heterodoxas, enquanto do lado negativo do eixo encontramos três das cinco variáveis ligadas à formação e trajetória ortodoxas. Em outras palavras, nessa dimensão, as instituições cristãs e integrativas se opõem às demais associações, com destaque para sua oposição aos estabelecidos¹¹ de instituições ligadas à IPA.

¹⁰Como comumente utilizado por Pierre Bourdieu e pelos trabalhos que seguem sua tradição, aqui utilizamos o termo “ortodoxo” para denominar aqueles que buscam a preservação da estrutura e das regras consagradas, enquanto “heterodoxo” diz respeito àqueles que contestam a estrutura e regras e tentam redefini-las.

¹¹Optamos por utilizar os termos “estabelecido” e “não estabelecido” para dar conta das diferenças internas do campo, em especial das diferenças entre os heterodoxos. Dessa forma, “estabelecido” diz respeito ao psicanalista que ocupa uma posição consolidada no campo e considerada legítima, enquanto o “não estabelecido” não tem acesso às instâncias formais de consagração e tem pouco ou nenhum poder de definir as regras do jogo.

Tabela 3 — Categorias com maiores contribuições para o Eixo 2

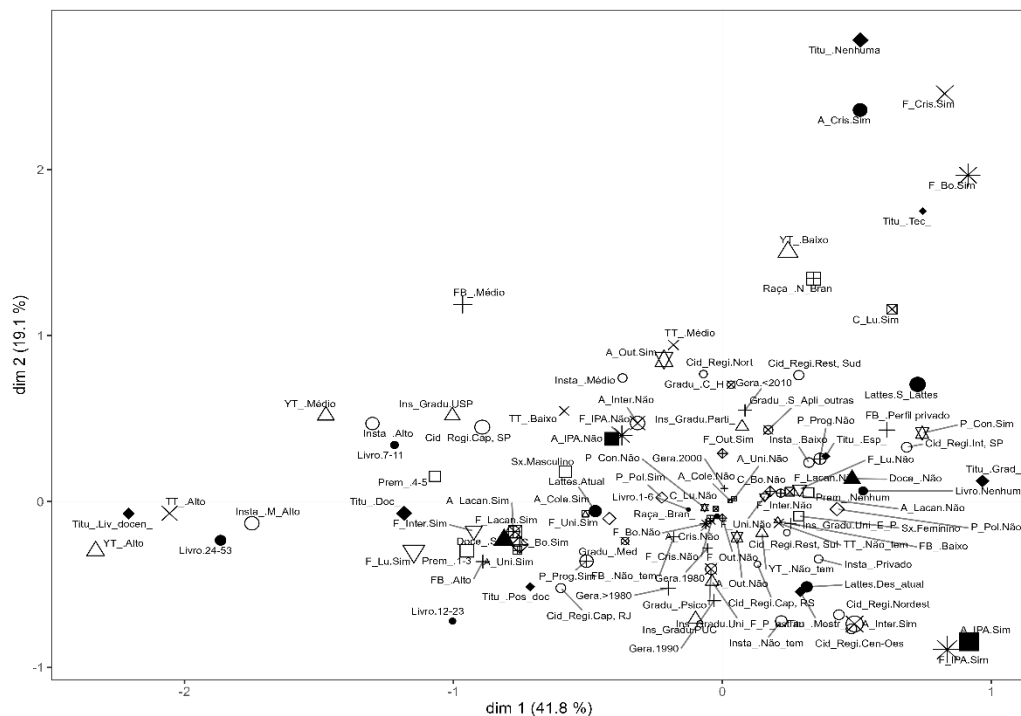
Lado positivo		Lado negativo	
Variável e modalidade	Contribuição	Variável e modalidade	Contribuição
Titulação: Nenhuma	6,03	Formação IPA: Sim	5,27
Formação_Cristã/Integ: Sim	5,89	Associação IPA: Sim	4,72
Favorável a Bolsonaro: Sim	5,28	Associação Internacional: Sim	4,55
YouTube: Baixo	4,41	Instagram: Não_tem	2,02
Associação Cristã: Sim	4,34	Graduação: Psicologia	1,97
Raça: Não_Branco	3,52	-	-
Associação Outras: Sim	3,14	-	-
Associação Internacional: Não	2,92	-	-
Lattes: Sem_Lattes	2,42	-	-
Formação na IPA: Não	2,36	-	-
Associação à IPA: Não	2,11	-	-

Fonte: Autorias (2024).

Na Figura 1, podemos visualizar a distribuição das categorias no plano dos eixos 1 e 2. Ela permite um exame das oposições por meio da representação gráfica da relação entre as categorias. Em consonância com as tabelas apresentadas anteriormente, no eixo 1 encontramos a oposição entre propriedades acadêmicas e midiáticas. Assim, conseguimos identificar dois grupos nessa primeira dimensão: à esquerda, encontramos aqueles possuidores de grande visibilidade midiática, trajetória e filiação acadêmica, como docentes; à direita, encontramos aqueles associados a menor visibilidade midiática e com menor capital acadêmico. Essa configuração sedimenta uma interpretação desse eixo como uma dimensão que diferencia formas distintas do exercício da psicanálise: das mais envolvidas com a academia e redes sociais às mais discretas, insuladas (IPA) ou mesmo preteridas (cristãs e integrativas). Esse eixo sugere ainda a importância de recursos externos ao campo (capitais acadêmicos e midiáticos) como fator de diferenciação, expressando uma divisão entre um polo mais autônomo e outro mais heterônomo desse espaço social.

No eixo 2, visualizamos a oposição entre o polo ortodoxo e o polo heterodoxo da psicanálise. Nessa dimensão, diferentemente da primeira, podemos pensar em uma divisão em três polos: na parte inferior do gráfico, encontramos as instituições mais antigas e tradicionais de psicanálise, ligadas à IPA; na parte intermediária do gráfico, estão situadas as instituições lacanianas e aquelas relacionadas à universidade; e na parte superior do gráfico, como polo oposto, estão as instituições de formação cristã/espirituais e integrativas.

Figura 1 – Resultados da ACM – Categorias nos eixos 1 e 2



Fonte: Autorias (2024).

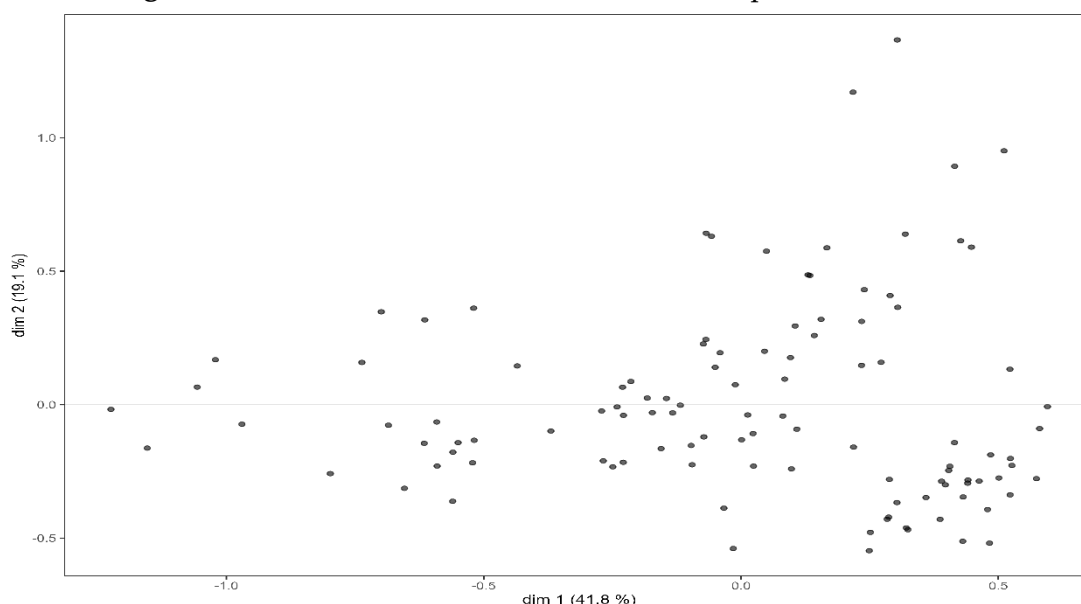
A posição das demais categorias ao longo dos dois primeiros eixos merece ainda alguns comentários. Ao longo do eixo 1, maior capital acadêmico e midiático está associado a instituições e trajetórias psicanalíticas lacanianas, não ipeístas e universitárias, intermediando as instituições mais ortodoxas e heterodoxas. Já menor capital acadêmico e midiático está associado às instituições ipeístas e ortodoxas e, também, às instituições cristãs e integrativas, isto é, mais heterodoxas. Em síntese, a despeito da oposição que existe entre as instituições ipeístas e cristãs/integrativas, existe uma proximidade entre elas no que diz respeito aos poucos recursos acadêmicos e midiáticos dos indivíduos filiados a essas escolas.

Ao longo do eixo 2, destaca-se a categoria de “não branco” na parte superior do eixo, caracterizada pelo pertencimento a instituições cristãs/integrativas, em oposição a indivíduos filiados a associações de correntes mais estabelecidas, na parte inferior. Apenas 10% dos indivíduos para os quais foi possível levantar a informação sobre cor/raça são não brancos, o que sugere o caráter relativamente excludente desse meio. Encontrar a categoria de não branco associada justamente a correntes psicanalíticas menos legítimas no campo permite levantar a conjectura de que sua estrutura reflete, em alguns aspectos, a estrutura social geral do país, onde a atuação com menores recursos econômicos e culturais – além de uma fenotipagem menos valorizada no “mercado da racialização” – está reservado o polo dominado do exercício da psicanálise.

Indo além dessas principais polarizações que marcam os eixos 1 e 2, podemos ainda chegar a algumas conclusões acerca do posicionamento político dos psicanalistas, com base na Figura 1. Apoiar pautas progressistas, ser

favorável a Lula e contrário a Bolsonaro está associado a maior capital acadêmico e midiático, o que significa dizer que os indivíduos que se localizam nesta região do gráfico são aqueles com título de doutor, docentes do nível superior, graduados na Universidade de São Paulo (USP) e residentes na capital paulista, com formação lacaniana ou em outras instituições sem ligação com a IPA, muitos livros publicados, premiados (de 1 a 3 prêmios) e alto número de seguidores nas redes sociais. Ser favorável a Bolsonaro e contra pautas progressistas está associado a menor capital acadêmico e midiático, bem como às instituições mais heterodoxas do campo. Os indivíduos nesta região do espaço social são aqueles sem titulação acadêmica e com poucos seguidores nas redes sociais. Por fim, a região mais ortodoxa do campo está associada, além da formação e trajetória ipeístas, à ausência de redes sociais, à ausência de posicionamento político, à ausência de livros publicados e à ausência de atividade docente em nível superior, isto é, a menor capital acadêmico e midiático.

Figura 2 — Resultados da ACM – Indivíduos no plano dos eixos 1 e 2



Fonte: Autorias (2024).

A Figura 2 apresenta os indivíduos plotados no plano dos eixos 1 e 2. É possível identificar uma nuvem de pontos com o formato aproximado de um triângulo. Considerando a forma com três vértices e entendendo que há uma região central do triângulo, que também define um grupo específico de propriedades, é possível determinar quatro grupos de psicanalistas no campo:

1) No quadrante inferior direito encontramos os ortodoxos da psicanálise. Formados e filiados a associações ipeístas, sua atuação é marcada pelo afastamento da academia e pela discrição midiática.

2) No quadrante superior direito encontramos o grupo heterodoxo não estabelecido. Assim como os ortodoxos, esse grupo possui poucos recursos acadêmicos e midiáticos, além de ser caracterizado por instâncias formativas e associações de menor tradição e prestígio.

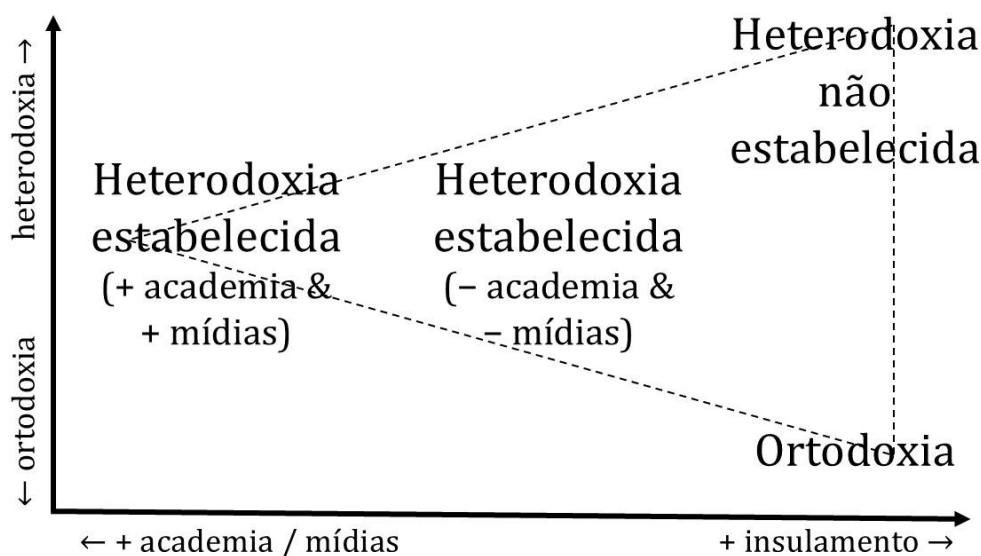
3) No vértice à esquerda da nuvem de pontos encontramos os heterodoxos estabelecidos. Apesar da distância da IPA, esse grupo está mais próximo dos ipseístas ao longo do eixo 2 do que dos psicanalistas do extremo mais heterodoxo, diferenciando-se por seu maior volume de capital acadêmico e midiático.

4) No centro temos os heterodoxos estabelecidos com recursos acadêmicos intermediários e com poucos recursos midiáticos.

A estrutura do campo e a dinâmica das disputas

Os resultados obtidos com a ACM permitem chegar a algumas conclusões e explicações acerca das oposições e disputas encontradas no campo, assim como a algumas conjecturas acerca das disposições dos psicanalistas. Desse modo, os quatro grupos representam diferentes e importantes posições possíveis no campo e refletem a história desse espaço social. A Figura 3 busca apresentar esquematicamente a estrutura do campo revelada pela ACM. Nessa seção, examinam-se alguns episódios de conflitos e divisões que são explicados por essa estrutura.

Figura 3 — Estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo



Fonte: Autorias (2024).

O primeiro deles é o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (MAEP) e a união entre a heterodoxia estabelecida e a ortodoxia. O MAEP surgiu da articulação entre diferentes instituições psicanalíticas – lacanianas, não lacanianas, ipseístas – em 2000, a fim de fazer frente às tentativas evangélicas de regulamentação da psicanálise e de defender uma formação psicanalítica singular e permanente (Amendoeira, 2018). O movimento surgiu como uma aliança dos grupos que aqui chamamos de ortodoxos e heterodoxos estabelecidos para se opor ao polo heterodoxo não estabelecido do campo, no

qual encontramos as instituições ligadas ao cristianismo e a práticas integrativas. Ao longo da existência do MAEP, diversas ações foram feitas em defesa da psicanálise preconizada pelo grupo: a participação ativa em audiências públicas na Câmara dos Deputados para confrontar projetos de regulamentação da psicanálise, o lançamento de manifestos contra a regulamentação, a publicação do livro “Ofício do psicanalista: formação vs. regulamentação” em 2009, proporcionando uma visão abrangente das atividades da Articulação e das questões relacionadas à formação e regulamentação da psicanálise (Amendoeira, 2018). Por fim, um dos últimos posicionamentos da Articulação ocorreu depois da criação de um curso de graduação em Psicanálise pelo Centro Universitário Internacional Uninter em 2021. Foi lançado, a partir da Articulação, um manifesto contrário à graduação, por esta divergir dos princípios básicos que devem reger a formação do psicanalista segundo o grupo (Manifesto [...], 2021).

A articulação entre as instituições estabelecidas foi reveladora tanto de uma *doxa* que as une quanto das divergências que as separam. Por um lado, a reunião inicial do Movimento se deu sob a concordância de que existiam diferenças de concepções sobre os requisitos para a formação de psicanalistas (Amendoeira, 2018). Por outro lado, em nota explicativa sobre o MAEP, a Associação Psicanalítica de Porto Alegre, integrante do movimento, enfatiza que há diferenças entre as instituições, mas que alguns consensos as unem: a impossibilidade de regulamentação da ética psicanalítica, a formação artesanal a partir do tripé psicanalítico e o caráter leigo e laico da psicanálise (APPOA, 2024).

O segundo episódio que pode auxiliar e ser mais bem compreendido a partir do modelo construído diz respeito à questão Israel-Palestina e às diferenças entre a ortodoxia e a heterodoxia estabelecida. Após os ataques do grupo Hamas a Israel, no dia 07 de outubro de 2023, no qual diversos israelenses foram mortos e outros foram capturados como reféns, uma campanha militar israelense foi desencadeada sobre o território palestino (Acompanhe [...], 2024). O posicionamento de alguns psicanalistas pode ser melhor compreendido levando-se em conta a estrutura do campo aqui proposta.

Cabe lembrarmos que a região heterodoxa estabelecida do espaço social está associada a variáveis de posicionamento político que se relacionam a pautas progressistas. Assim, encontramos psicanalistas ligados ao apoio das pautas de esquerda, antirracistas, anticoloniais, feministas, etc., enquanto na região ortodoxa, apesar de não encontrarmos a defesa de pautas conservadoras, notamos a ausência de posicionamento político. Isto parece se relacionar com outras propriedades da região, na qual os recursos de capital midiático são escassos, fazendo com que o posicionamento dos psicanalistas não chegue ao conhecimento do público. Apesar disso, os episódios envolvendo Israel e Palestina parecem ter sido relevantes o suficiente para gerar um posicionamento de parte dos agentes, talvez pela presença de judeus nos quadros das Sociedades psicanalíticas. A seguir, analisaremos um exemplo de cada um desses posicionamentos.

Começando pela ortodoxia, temos a nota de repúdio da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, umas das mais antigas no Brasil reconhecida pela IPA. Na nota, publicada no dia 9 de outubro de 2023 no perfil da Sociedade no Instagram e intitulada “Nota de repúdio ao terrorismo e em defesa da paz” (Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, 2023a), os psicanalistas manifestaram solidariedade ao povo de Israel e classificaram os ataques do grupo Hamas como bárbaros e terroristas. Na nota, interpretam os atos como resultado da “pulsão de morte” e se posicionam contra “quaisquer atos que visam afastar o ser humano dos nobres valores civilizatórios da paz, da solidariedade, da compaixão”. Defendem a resolução de conflitos através do diálogo, enfatizam também a defesa dos direitos humanos e da democracia. Em seguida, no dia 18 de outubro do mesmo ano, compartilham também no Instagram nota de apoio à Sociedade Psicanalítica de Israel (Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, 2023b). Nela, enfatizam colocações feitas pela nota da Sociedade Psicanalítica de Israel sobre a “crueldade sádica dos criminosos do Hamas” que configura “um crime contra a Humanidade”. Na nota os psicanalistas manifestam apoio incondicional aos psicanalistas israelenses e se solidarizam com os israelenses que sofreram com os ataques. Por fim, enfatizam que os atos cruéis e monstruosos revelam “o cultivo sádico do ódio em estado puro, cujo objetivo é a destruição dos vínculos de amor, por uma idealização perversa da tortura de inocentes e da Morte” e pedem que outras entidades governamentais e não governamentais se posicionem e condenem os atos do grupo Hamas.

Já em relação à heterodoxia estabelecida, dois posicionamentos são representativos: 1) o posicionamento do grupo “Travessias – Percursos em Psicanálise”, formado por psicanalistas de Belo Horizonte oriundos da Universidade Federal de Minas Gerais. O grupo publicou em seu perfil no Instagram (Uma carta [...], 2023), no dia 25 de outubro, carta resposta de Freud a Chaim Koffler, datada de 1930, na qual Freud recusa dar seu apoio público à causa sionista. Além da publicação da carta, enfatizam que “os riscos envolvidos na criação de um Estado nacional religioso com apelo territorial, como veio a ser Israel, estão ali [na carta] sinalizados”. E 2) o posicionamento de Vladimir Safatle, agente heterodoxo no campo, com relevante capital acadêmico e midiático. Safatle há 20 anos escreve sobre a Palestina na mídia nacional e criou um documento reunindo seus principais escritos (Safatle, 2023). Em suma, em um de seus textos, Vladimir Safatle também faz críticas ao grupo Hamas, mas aponta a política colonial do Estado de Israel como um problema enfrentado pelos palestinos (Safatle, 2023). Além disso, Safatle assinou um manifesto contra o genocídio em Gaza, em que diversos intelectuais, além dele, pedem uma série de ações em defesa dos palestinos. No manifesto pedem a paralisação do massacre perpetrado por Israel, o fim da ocupação militar dos territórios palestinos, o fim da limpeza étnica de Jerusalém Oriental e da anexação ilegal de terras palestinas, o fim do sistema de apartheid perpetrado por Israel sobre os palestinos, e ainda mencionam a transformação da Faixa de Gaza em uma prisão a céu aberto (Mendes, 2023).

A partir do exposto, o que buscamos demonstrar é que os posicionamentos acerca do conflito entre Israel e Palestina adquirem diferentes perspectivas e utilizam diferentes argumentos a depender da região do campo em que os psicanalistas se encontram. Enquanto a heterodoxia estabelecida enfatizou, no seu posicionamento, questões históricas ligadas ao conflito e se posicionou criticamente em relação a Israel, denunciando o genocídio da população palestina e o colonialismo de Israel, a ortodoxia psicanalítica condenou o ato do grupo Hamas e não situou o ocorrido no longo histórico que constitui o conflito entre Israel e Palestina, tratando-o como um ato de barbárie e violência a partir de uma perspectiva psíquica e individualista, adotando uma posição conservadora e hegemônica em relação ao conflito e fazendo uma defesa abstrata da paz, da democracia e dos direitos humanos¹².

Considerando-se a estrutura do campo, a região heterodoxa está associada a propriedades acadêmicas, midiáticas e não ipeístas, além das variáveis de posicionamento político progressista. Esta junção de fatores parece significar que os psicanalistas localizados nesta região vão provavelmente, como no exemplo empírico dado, tomar posições políticas social e historicamente embasadas, em uma direção progressista. Já a região ortodoxa está ligada a variáveis de formação e filiação internas ao campo, com menor capital acadêmico e midiático e a ausência de variáveis de posicionamento político. Isto parece significar que os psicanalistas localizados nesta região do espaço social estarão mais associados à ausência de posicionamento político, mas, quando visto como relevante o posicionamento, estarão provavelmente associados a tomadas de posição que enfatizam a dimensão psíquica e moral dos episódios.

Considerações finais

Este artigo buscou identificar a estrutura do campo psicanalítico brasileiro contemporâneo a partir de Pierre Bourdieu. Para tal, utilizamos uma abordagem metodológica quantitativa, a partir da Análise de Correspondências Múltiplas. Os resultados apontaram a divisão em duas dimensões principais: por um lado, na primeira dimensão, as principais oposições emergiram em relação a propriedades acadêmicas e midiáticas; por outro, na segunda dimensão, as oposições se manifestaram em termos de trajetória e filiação psicanalítica, distinguindo instituições mais ortodoxas e mais heterodoxas.

As oposições permitiram a identificação de diferentes perfis de psicanalistas: o ortodoxo com recursos limitados, o heterodoxo estabelecido com amplos recursos acadêmicos e midiáticos, o heterodoxo estabelecido com recursos acadêmicos intermediários e poucos recursos midiáticos, e o heterodoxo

¹²Um exame mais minucioso das posições sobre o referido conflito seguramente pode revelar complexidades aqui não apresentadas, principalmente no polo heterodoxo estabelecido, por sua maior visibilidade e ostensividade dos posicionamentos. A despeito de sua importância, não entramos nos detalhes desses posicionamentos, pois o objetivo aqui é apenas ilustrar como o quadro de divisões do campo elaborado neste artigo pode explicar algumas diferenças gerais de tomadas de posição.

extremo e não estabelecido, compartilhando características limitadas em termos acadêmicos e midiáticos, de modo semelhante aos ortodoxos. As oposições e os perfis identificados parecem, de fato, representar oposições significativas no espaço social, refletindo a história do campo e as disputas em torno dos diferentes capitais envolvidos.

Ademais, em relação ao posicionamento político dos psicanalistas, a partir da ACM encontramos uma relação entre os heterodoxos estabelecidos e posicionamentos progressistas, entre os heterodoxos não estabelecidos e posicionamentos conservadores, e entre os ortodoxos e a ausência de posicionamento político.

Por fim, na seção final, enfatizamos elementos marcantes do campo psicanalítico, como a influência de capitais externos ao campo e a importante diferença entre as heterodoxias encontradas. Nesse sentido, trouxemos alguns conflitos que ocorreram e o posicionamento de psicanalistas e instituições das diferentes regiões do campo para tornar mais palpável o resultado da ACM e, assim, utilizar o modelo resultante para auxiliar no entendimento de eventos concretos que ocorreram no campo.

Referências

- ACOMPANHE as principais notícias sobre a guerra Israel-Hamas; siga. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 mar. 2024. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/mundo/2023/02/11/6355-acompanhe-as-principais-noticias-sobre-a-guerra-israel-hamas-siga.shtml>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- ALARCÃO, Gustavo; MOTA, André. O discurso de Antônio Carlos Pacheco e Silva sobre a psicanálise: São Paulo, 1926-1979. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 272-285, 2019.
- AMENDOEIRA, Wilson. A articulação das entidades psicanalíticas brasileiras. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 52, n. 4, p. 187-192, 2018.
- APPOA - ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. O que é o movimento articulação?. Porto alegre: APPOA. [2024]. Disponível em: <https://appoa.org.br/movimento/o-que-e-o-movimento-articulacao/2019>. Acesso em: 5 jun. 2024.
- BELEM, Marcela Purini. Bourdieu e a estatística. *Revista Sem Aspás*, Araraquara, v. 11, n. 1, p. 1-18, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v11iesp.1.17147>.
- BERTONCELO, Edison. *Construindo espaços relacionais com a análise de correspondências múltiplas: aplicações nas ciências sociais*. Brasília, DF: ENAP, 2022.
- BINKOWSKI, Gabriel. Os evangélicos e a peste: o desejo neopentecostal pela psicanálise como um cavalo de Troia. *Lacuna: Uma Revista de Psicanálise*, São Paulo, n. 8, p. 5, 2019. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-05/>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. Genèse et structure du champ religieux. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v. 12, p. 295-332, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'État*. Paris: Minuit, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Séminaires sur le concept de champ, 1972-1975. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 200, p. 4-37, 2013.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *An invitation to reflexive sociology*. Cambridge: Polity, 1992.

AMANDA ALBUQUERQUE; RODRIGO CANTU | *Insular ou influente? A estrutura social do campo psicanalítico brasileiro*
BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. CBO 2515-50. Brasília, DF: TEM. [2002]. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/251550-psicanalista>. Acesso em: 19 set. 2022.

CASTRO, Rafael Dias de. A recepção da psicanálise no Rio de Janeiro: subsídios para os debates sobre histeria, nervosismo e sexualidade, 1908-1919. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 171-177, 2017.

DUNKER, Christian. Canal YouTube. [s.d]. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ChristianDunkerFalandoNisso>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise modernista no Brasil: um recorte histórico. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 115-137, 2003.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. *Nos bastidores da psicanálise: sobre política, história, estrutura e dinâmica do campo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

FONTOURA, Luís Fernando de Resende; ALBINO, Araceli; SILVEIRA, Rodrigo Eurípedes da; SANTOS, Álvaro da Silva. A psicanálise diante da pandemia de COVID-19: traumas, desafios e perspectivas. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, Uberaba, v. 10, n. 2, p. 370-387, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v10i2.6254>.

GALVÃO, Luiz de Almeida Prado. Pré-história e história da Revista Brasileira de Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 114-118, 2016.

HJELLBREKKE, Johs. *Multiple correspondence analysis for the social sciences*. London: Routledge, 2018.

IPA - INTERNATIONAL PSYCHOANALYTICAL ASSOCIATION. The Three Training Models. London: IPA. [2025]. Disponível em: https://www.ipa.world/IPA/Dev/About_Psychoanalysis/Becoming_Analyst/3models.aspx. Acesso em: 15 jul. 2025.

KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 8, p. 68-97, 2018.

LE ROUX, Brigitte; ROUANET, Henry; ACKERMAN, Werner. A análise geométrica de questionários: a lição de La Distinction de Bourdieu. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, v. 15, p. 43-52, 2017.

LEMIEUX, Cyril. Le crépuscule des champs. In: DE FORNEL, Michel; OGIEN, Albert. *Bourdieu, théoricien de la pratique*. Paris: Editions de l'EHESS, p. 75-100, 2011.

LIMA, Denise Maria de Oliveira; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Habitus e identificação: uma contribuição da sociologia e da psicanálise para a psicologia social em pesquisa de campo. *Diálogos Possíveis*, Ondina, v. 17, n. 2, p. 56-68, 2019. Disponível em: <https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/550>. Acesso em: 18 nov. 2024.

LOPES, Anchyses Jobim. A sobrevivência da psicanálise no Brasil: o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52, p. 161-172, 2019.

MANIFESTO articulação contra bacharelado em psicanálise. *Toro: Escola de Psicanálise*, Maceió, 9 dez. 2021. Disponível em: <http://torodepsicanalise.com.br/manifesto-articulacao-contra-bacharelado-em-psicanalise/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MENDES, Felipe. Intelectuais, artistas e movimentos assinam manifesto contra genocídio em Gaza. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, 3 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/03/intelectuais-artistas-e-movimentos-assinam-manifesto-contra-genocidio-em-gaza-participe>. Acesso em: 10 maio 2024.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. A historiografia sobre o movimento psicanalítico no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 144-153, 2002.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. Sob o discurso da 'neutralidade': as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 79-90, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000400006>.

PEDROSO NETO, Antonio José. O espaço dos jornalistas da economia brasileiros: gerações, origem social e dinâmica profissional. *REPOCS: Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 12, n. 23, p. 133-152, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v12n23p133-152>.

PETERS, Gabriel. A violência da (in)compreensão. *Tempo Social*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 5-30, 2022.

QUEIROZ, Renata Leal de. *Psicanálise na rua: notas de um encontro*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020.

ROUANET, Henry; ACKERMAN, Werner; LE ROUX, Brigitte. A análise geométrica de questionários: a lição de La Distinction de Bourdieu. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 25, p. 43-52, 2005.

RUSSO, Jane Araujo. Raça, psiquiatria e medicina-legal: notas sobre a 'pré-história' da psicanálise no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, p. 85-102, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200006>.

SAFATLE, Vladimir. O suicídio de uma nação e o extermínio de um povo. *Revista Cult*, São Paulo, 20 out. 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/suicidio-nacao-extermínio-povo/>. Acesso em: 10 maio 2024.

SAFATLE, Vladimir. *Vladimir Safatle: escritos sobre o problema palestino*. 2023. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1j4Y3JD6MwywFkpsTWnm3t7HlzCirlRi4EwUOT7GidNw/edit?usp=sharing>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SANTOS, Leandro dos. *A psicanálise no Brasil antes e depois de Lacan: posições do psicanalista nessa história*. São Paulo: Zagodoni, 2019.

SPRJ - SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO. *Nota de apoio à Sociedade de Israel*. Rio de Janeiro, 18 out. 2023b. Instagram: @sociedade_psicanalitica_do_rj. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyjVq2RJ98/?img_index=2. Acesso em: 1 jun. 2024.

SPRJ - SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO. *Nota de repúdio ao terrorismo e em defesa da paz*. Rio de Janeiro, 9 out. 2023a. Instagram: @sociedade_psicanalitica_do_rj. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyMYg_Ip_O2/. Acesso em: 5 jun. 2024.

TORQUATO, Luciana Cavalcante. História da psicanálise no Brasil: enlases entre o discurso freudiano e o projeto nacional. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 47-77, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/39248>. Acesso em: 1 jun. 2024.

UMA CARTA de Freud sobre o sionismo que nenhum olho humano deveria ver. *Belo Horizonte*, 25 out. 2023. Instagram: @travessias.psicanalise. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cy0xo6ZOXtm/?img_index=1. Acesso em: 1 jun. 2024.

VALE, Eliana Araújo Nogueira do. *Os rumos da psicanálise no Brasil: um estudo sobre a transmissão psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 2003.

VERA IACONELLI. *Folha de S. Paulo*, São Paulo. [s.d]. Colunas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Translation: David Rodgers.

Declaração de Coautoria: Amanda Albuquerque declara ter sido responsável pela “concepção da pesquisa, coleta de dados, processamento do material, análise e interpretação dos dados, redação do manuscrito original.” Rodrigo Cantu esclarece que participou da “concepção da pesquisa, processamento do material, análise e interpretação dos dados, redação (revisão e edição).”

***Minicurrículo das Autorias:**

Amanda Albuquerque. Mestre em Sociologia (2024). Doutoranda em Sociologia junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa financiada pelo programa CAPES/DS (Processo nº 88887.961622/2024-00). E-mail: amanda.albup@gmail.com.

Rodrigo Cantu. Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2016). Professor adjunto do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: rodrigo.cantu@ufpel.edu.br.

Avaliadora 1: Lidiane Soares Rodrigues ;
Editor de Seção: Jorge Chaloub .

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

Declaração de uso de IAGen:

As autorias declaram não ter feito uso de IAGen na elaboração do artigo.